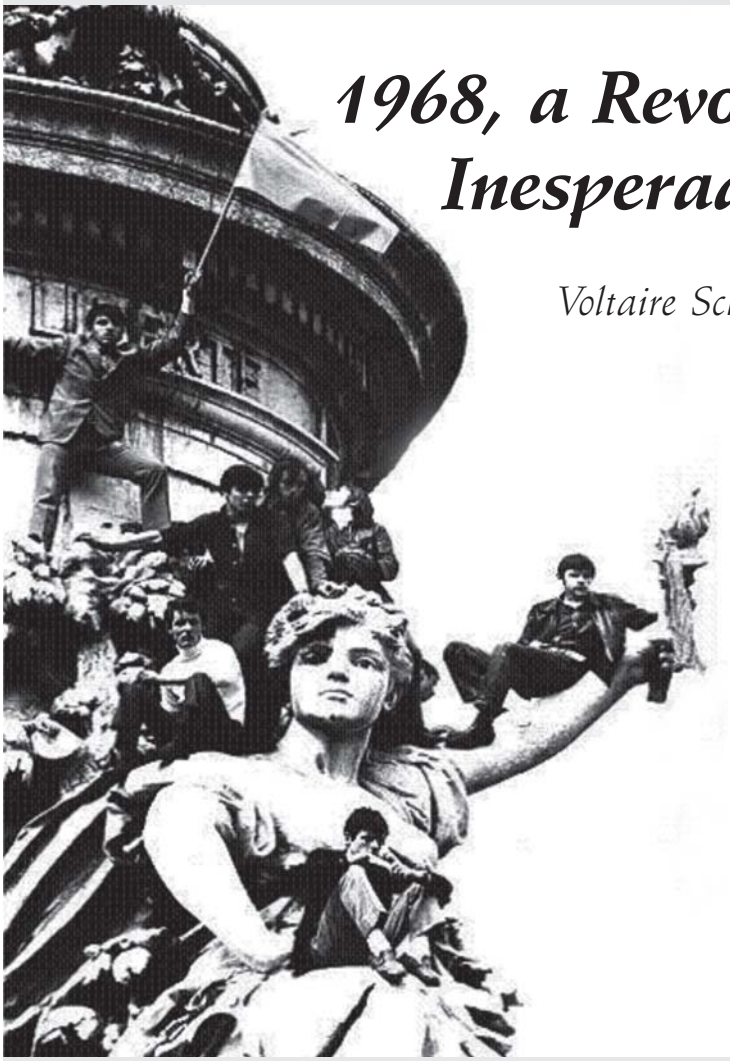
Memorial do Rio Grande do Sul
Caderno de História nº 47



1968, a Revolução Inesperada

Voltaire Schilling

*Governo do Estado do RS - **Yeda Crusius***
*Secretaria de Estado da Cultura - **Mônica Leal***
*Memorial do RS - **Voltaire Schilling***



CADERNO DE HISTÓRIA
Memorial do Rio Grande do Sul

Coordenador da Obra
Voltaire Schilling

Capa
Fabiano de Llano

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica
Fabiano de Llano

Revisão
Elizabeth Castillo Fornés

Impressão e acabamento
Algo Mais - Gráfica e Editora

R585r Rio Grande do Sul. Memorial do Rio Grande do Sul
1968, A Revolução Inesperada / coord. Voltaire Schilling. – Porto Alegre: Memorial do Rio Grande do Sul, 2008.
32 p.: il.; 17 x 25 cm. – Caderno de História, n° 47

Inclui bibliografia e notas.

1. Revolução de 1968 - história. I. Schilling, Voltaire, coord. II. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. III. Série.

CDU 930.9(07)

CIP – Catalogação na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

1 9 6 8 : A Revolução Inesperada

Nunca o mundo vira nada igual. Desde os meses iniciais do ano de 1968, nas capitais e mesmo em cidades menores dos mais importantes países do planeta, milhares de jovens, a maioria deles estudantes universitários e secundaristas, saíram às ruas para criticar abertamente as sociedades em que viviam, bem como os regimes políticos nelas vigentes. Eram franceses, alemães, espanhóis, egípcios, poloneses, brasileiros, mexicanos, norte-americanos, e de tantos outros lugares, que formaram uma espécie de internacional juvenil anti-sistema. Durante alguns meses, particularmente na França, tudo parecia vir abaixo frente ao vendaval juvenil. Açoitadas pela fúria das ruas, as autoridades quase naufragaram naquele ano tão estranho e excepcional.



Manifestação estudantil em Berlim, 1968

O vulcão em erupção

"Havia um ar estranho: a revolução inesperada arrastara o adversário, tudo era permitido, a felicidade coletiva era desenfreada." - Antonio Negri

"1968" foi o ano louco e enigmático do século XX. Ninguém o previu e muito poucos, os que dele participaram, entenderam afinal o que ocorreu. Deu-se uma espécie de furacão humano, uma generalizada e estridente insatisfação juvenil, que varreu o mundo em todas as direções. Seu único antepassado foi 1848 quando também uma maré revolucionária - a " Primavera dos Povos" -, iniciada em Paris, em fevereiro daquele ano, espalhou-se por quase todas as capitais e grandes cidades da Europa, chegando até o Recife, no Brasil.

O próprio filósofo Jean-Paul Sartre, presente nos acontecimentos de maio de 1968, em Paris, confessou, dois anos depois, que:

> ...ainda estava pensando no que havia acontecido e que não tinha compreendido muito bem: não pude entender o que aqueles jovens queriam... então acompanhei como pude...fui conversar com eles na Sorbone, mas isso não queria dizer nada (Situations X).

A dificuldade de interpretar os acontecimentos daquele ano deve-se não só à "múltipla potencialidade do movimento"como à ambigüidade do seu resultado final. A mistura de festa saturnal romana com combates de rua entre estudantes, operários e policiais, e mesmo com baderna juvenil (*chienlit*, como dizem os franceses), fez com que alguns, como C. Castoriaditis, o vissem como "uma revolta comunitária", enquanto que para Gilles Lipovetsky e outros era "a reinvidicação de um novo individualismo". Um dos seus mais contundentes opositores foi Regis Debray, o intelectual que fora preso na Bolívia, em 1967, por ter-se aliado a Che Guevara. Para ele, 1968 não passou de uma contra-revolução:

> ...aquela feliz libertação social teve como resultado uma contrapartida um desmoronamento simbólico que provocou uma privatização em todas as frentes, indo muito além dos serviços, alcançando até mesmo os poderes públicos. (...) Uma espécie de antecipação da Parada Gay aberta a todos os excluídos... um insaciável show-biz de todos egos. É

> de se verificar que esta contra-revolução foi gestada por esta revolução panfletária... Para ele tratou-se de um enorme desperdício de energia que apenas ajudou a desencadear uma contra-revolução privatizante que terminou por se impor a largo prazo.

Tornou-se um ano mítico porque "1968" foi o ponto de partida para uma série de transformações políticas, éticas, sexuais e comportamentais, que afetaram as sociedades da época de uma maneira irreversível. Seria o marco para os movimentos ecologistas, feministas, das organizações não-governamentais (ONGs), dos defensores das minorias e dos direitos humanos. Frustrou muita gente também. A não realização dos seus sonhos, "da imaginação chegando ao poder", fez com que parte da juventude militante daquela época se refugiasse no consumo das drogas ou escolhesse a estrada da violência, da guerrilha e do terrorismo urbano.

"1968" foi também uma reação extremada, juvenil, às pressões de mais de vinte anos de Guerra Fria. Uma rejeição aos processos de manipulação da opinião pública por meio dos *mass-midia* que atuavam como "aparelhos ideológicos" incutindo os valores do capitalismo, e, simultaneamente, um repúdio "ao socialismo real", ao marxismo oficial, ortodoxo, vigente no leste Europeu, e entre os PCs europeus ocidentais, vistos como ultrapassados.

Assemelhou-se, aquele ano aloucado, a um calidoscópio: para qualquer lado que se girasse, novas formas e novas expressões vinham à luz. Foi uma espécie de fissão nuclear espontânea que abalou as instituições e regimes. Uma revolução que não se socorreu de tiros e bombas, mas da pichação, das pedradas, das reuniões de massa, da primazia do alto-falante e de muita irreverência. Tudo o que até então parecia sólido desmanchou-se no ar.

O início de tudo

> Mas quem tomou as grandes decisões em 1968? Os movimentos mais característicos do 68 idealizaram a espontaneidade e se opuseram à liderança, estruturação e estratégia. - Eric Hobsbawn

Desde 1965, a pretexto do incidente do Golfo de Tonquim (que se provou falso), o presidente norte-americano, Lyndon Johnson, ordenara o sistemático bombardeio do Vietnã do Norte, bem como o desembarque, no Vietnã do Sul, de um reforço de mais de 300 mil soldados para evitar uma possível vitória dos vietcongs (guerrilheiros comunistas que combatiam o governo sul-vietnamita que era pró-americano). Os Estados Unidos atolavam-se na Guerra do Vietnã.

No dia 30 de janeiro, na celebração do Teth, o Ano Novo vietnamita, os vietcongs, apoiados por forças norte-vietnamitas, num ataque relâmpago e de surpresa, tomaram de assalto 38 cidades sul-vietnamitas, entre elas Hue e Saigon (aonde chegaram a ocupar a embaixada dos EUA), provocando uma derrota tática nas forças armadas norte-americanas. Apesar de terem perdido 30 mil homens na operação, os vietcongs provaram ser capazes de frustarem as expectativas de uma vitória americana.

A partir de então a crescente oposição à guerra dentro dos Estados Unidos quase se tornou uma aberta insurreição da juventude pacifista. A violência dos bombardeios sobre a população civil vietnamita, composta de aldeões paupérrimos, e a queima das choupanas deles, já havia provocado desconfiança em relação à justeza da intervenção no Sudeste da Ásia. Diariamente a televisão americana mostrava imagens dos combates e dos sofrimentos dos soldados e dos civis. Somou-se a isto a visível falta de perspectiva para solucionar o conflito. Era moralmente inaceitável que a maior potência do Mundo atacasse um pequeno país camponês do Terceiro Mundo.

A Ofensiva do Ano Teth teve enormes repercussões. O Davi vietcong fizera cambalear o Golias americano. Como os Estados Unidos representavam a Lei e a Ordem no mundo do após-guerra, era natural

que todas as instituições por eles garantidas ou a eles associadas passassem a ser questionadas. A superpotência fora ferida na Ásia. Era possível abalar, senão pôr abaixo, por obra de um turbilhão juvenil, tudo o que de alguma forma representasse o *status quo*, o estabelecimento, o regulamento, o conformismo social e sexual, a rotina existencial, a vida acadêmica, etc.

Paralelamente à Guerra Vietnamita, na China Popular Mao Tse-tung desencadeara, a partir de 1965, a Grande Revolução Cultural Proletária (*Wuchanjieji Wenhua Dageming*), convocando a juventude chinesa para grandes manifestações. Estudantes, filhos de funcionários, de trabalhadores e de camponeses, na idade dos 14 aos 18 anos, agrupados nas Guardas Vermelhas, tomaram conta das ruas das grandes cidades num protesto monstro contra os *Zou zi Pai*, aqueles elementos do partido comunista que, acreditavam eles, tinham simpatia pelo capitalismo e pela burguesia e que se encontravam infiltrados nos aparatos do poder. Mao Tse-tung, em velada luta contra altos setores da hierarquia do Partido Comunista chinês, convocara os jovens para auxiliá-lo a recuperar a autoridade. Para tanto, os fanatizou com a leitura de trechos seus, selecionados pelo seu auxiliar direto, Lin Biao, num pequeno livro: O Livro Vermelho dos Pensamentos do Presidente Mao, que passou a ser interpretado com fervor religioso pelos militantes juvenis.

Voltando-se contra o passado chinês tradicional, provocaram cenas de vandalismo e intolerância. A imagem de milhares deles marchando e cantando pelas praças e avenidas chinesas, em nome da Revolução, serviu de emulação para que os estudantes ocidentais viessem a imitá-los quando a ocasião se tornou propícia.

Além da indignação geral provocada pela Guerra Vietnamita e o fascínio pelas multidões juvenis da Revolução Cultural chinesa, também pesou, na explosão de 1968, a morte de Che Guevara na Bolívia, ocorrida em outubro de 1967. Seu martírio pela causa revolucionária serviu para que muitos se inspirassem no seu sacrifício. Jovens de todas as partes, especialmente na Europa e na América Latina, tentando atender ao seu apelo para que se formassem em outros lugares do mundo, "dois, três Vietnãs" se lançaram na vida guerrilheira, compondo os quadros dos vários movimentos que surgiram naquela época, no Uruguai, na Argentina, no Chile e no Brasil.

Contestação e contracultura

> Apesar da fraude e da leviandade que embaraçam seus contornos, uma nova cultura está realmente surgindo entre nossa juventude (...) uma cultura tão radicalmente dissociada dos pressupostos básicos da nossa sociedade que muitas pessoas nem sequer a consideram uma cultura, e sim uma invasão bárbara de aspecto alarmante. - Theodore Roszack - A Contracultura, 1972

Nenhum outro acontecimento desde a Guerra da Secessão de 1861-65 provocou tamanha divisão na opinião pública norte-americana como o envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã. A chamada "maioria silenciosa" e os conservadores em geral acreditavam que era uma guerra justa e nobre porque os americanos estavam no Sudeste da Ásia para impedir que seus aliados do Vietnã do Sul sofressem uma agressão comunista.

Era um dos primados da política externa norte-americana, desde a Doutrina Truman de 1947, realizar operações militares para salvar "governos amigos", como ocorrera na Guerra da Coréia em 1950-53. Logo, todo o esforço nacional deveria dirigir-se para apoiar as autoridades e sustentar "nossos rapazes" na guerra que travavam no exterior.

Não foi esse o entendimento da juventude universitária, dos escritores e dos intelectuais. Para eles tudo não passava de um pretexto para a afirmação de uma política de força. Uma grande potência, a maior do mundo, queria impor-se ao povo de um pequeno país da Ásia, recorrendo a uma argumentação pseudo-humanitária para encobrir os bombardeios, os massacres e outras atrocidades de guerra.

A postura pacifista redundou numa crescente crítica não só à intervenção militar mas aos valores globais da sociedade americana. Pregaram a desobediência civil (*civil desobedience*), e, em grandes manifestações públicas, queimavam as convocações para o serviço militar.

Outra forma de contestação foi assumida pelo Movimento Hippie. Estes eram jovens da mais diversa extração social que, ostensivamente, vestiam-se de uma maneira chocante para o americano médio. Deixa-

vam crescer as barbas e os cabelos, vestiam brim e trajes de algodão colorido, decoravam-se com colares, pulseiras, e profusões de anéis. Passaram a viver em bairros separados ou em comunidades rurais. Rejeitando a sociedade de consumo industrial, viviam do artesanato e, no campo, da horta. Não mantinham as regras esperadas de comportamento, higiene, nem de acasalamento: "Paz e Amor"(*Peace and Love*) era o seu lema.



Jimm Morrison, líder do grupo The Doors

Desenvolveram um universo próprio, uma "vida alternativa", que infelizmente não resistiu ao convívio deles com as drogas. Iniciados na *marijuana* terminaram por mergulhar em drogas mais fortes como o LSD (ácido lisérgico) e outras chamadas psicodélicas, introduzidas no meio estudantil e no mundo acadêmico pelo professor de psicologia da Universidade de Harvard, Timothy Leary. Coube a ele o pouco meritório papel de fazer com que as drogas deixassem de ser associadas aos

desclassificados sociais e aos criminosos para serem consumidas em ambientes de classe média(*).

Seus ídolos literários foram o escritor alemão Herman Hesse, cujos livros concentravam-se em histórias orientais de iniciação e abandono à introspecção e à meditação nirvânica, e o poeta Dylan Thomas, um rompedor de regras. Seu mestre pensante foi o psiquiatra Wilhelm Reich, que associava a agressividade humana à repressão sexual praticada, contra os adolescentes e os jovens em geral, por adultos que consideravam o sexo pecaminoso e imoral. Reich defendia, paralelo à revolução política, uma Revolução Sexual. A música eleita por eles foi o rock de constestação: Janis Joplin, Jim Morrison, Jimmy Hendrix, Bob Dylan, John Lenon e Joe Cocker foram seu principais expoentes.

Rejeitavam abertamente tudo o que pudesse ser identificado como vindo do "americano médio" porque acreditavam que a essência da agressão ao Vietnã encontrava-se no âmago da sociedade tecnocrática, competitiva, individualista e consumista que caracterizava o país. Propunham uma contracultura (*couterculture*). Não formaram um partido político nem desejavam disputar as eleições. Queriam impressionar pelo comportamento, alterar radicalmente os costumes dos que os cercavam para mudar-lhes a mentalidade.

O apogeu do movimento da contracultura ocorreu no Festival de Woodstock, nas proximidades de Nova Iorque, em agosto de 1969, quando 300 a 500 mil jovens reuniram-se em um encontro de massas para celebrar o rock e manifestar-se pela paz.

A ala moderada do Movimento Negro, por sua vez, perdeu, em 4 de abril de 1968, o seu maior expoente, o pastor Martin Luther King, assassinado em Memphis. Ele, que fora contestado por seus métodos pacifistas pelas lideranças mais jovens e radicais, os "Panteras Negras" (*Black Panther Party for Self Defense*), inclinava-se contra a Guerra do Vietnã no momento em que foi baleado. King entendia que a luta dos povos do Terceiro Mundo assemelhava-se a dos negros americanos con-

(*) Leary, por sua vez, havia se inspirado no escritor Aldous Huxley, que havia experimentado uma droga denominada de mescalina e cujos efeitos ele retratou no seu livro The Doors of Perception (As portas da percepção) e, anteriormente, na sua clássica novela sobre a sociedade distópica intitulada The Brave New World (Admirável Mundo Novo, de 1932).

tra a discriminação e o preconceito. Sua morte provocou uma violenta onda de protestos acompanhada de incêndios nos maiores bairros negros em 125 cidades americanas. Por igual, ajudou na projeção de um ativismo mais extremista representado pelos Panteras Negras, liderados por Huey Newton e Bobby Seale.

Tornaram-se eventualmente um grupo revolucionário marxista



Seale e Newton, líderes dos Panteras Negras

que sustentava uma política de auto-defesa dos negros, a isenção dos pagamentos de impostos e de todas as sanções da chamada "América Branca". Exigiam, por igual, a libertação de todos os negros da cadeia, e o pagamento de compensação por séculos de exploração branca. Sua ala mais radical defendia a luta armada. Em seu pico, nos anos de 1960, o número de membros dos Panteras Negras excedeu 2 mil e a organização coordenou sedes nas principais cidades, até que começassem a ser exterminados, um a um, pela polícia e pelo FBI de Edgar Hoover.

A nova esquerda

> ...essa oposição luta contra a maioria da população, incluída a classe operária, contra todo o chamado *way of life* do sistema, contra a onipresente pressão do mesmo e, finalmente, contra o terror que reina fora das metrópoles. Herbert Marcuse - O Fim da Utopia, 1967

O embasamento teórico do que estava acontecendo, e de tudo o que viria ainda a ocorrer, encontrou sua melhor exposição no pensamento do filósofo alemão Herbert Marcuse. Exilado nos Estados Unidos desde 1934, ele preocupou-se em entender quais as possibilidades de transformação social numa sociedade opulenta como a norte-americana. Num livro polêmico "A Ideologia da sociedade industrial" (*One Dimensional Man*, 1964), Marcuse percebeu que a sociedade



Marcuse, profeta da rebelião dos jovens de 1968

unidimensional, ao contrário da bidimensional (onde capitalistas opõem-se aos operários), caracterizava-se por sua capacidade de absorver as classes subalternas, tornando-as não-contestadoras e acomodadas. Desta forma, a idéia de Marx de que o operariado industrial, o moderno proletariado, seria a força motriz da revolução socialista e principal agente da transformação social não se verificava em sociedades do capitalismo avançado (ou tardio) como a norte-americana. Nela, os trabalhadores eram um força conservadora, seduzidos pelo consumo e pelos bens materiais do *american way of life*.

Assim, os agentes da transformação deveriam ser os *outsider*, os que estavam fora das benesses do sistema, as minorias étnicas ou os que simplesmente as rejeitavam, como os estudantes e os apolíticos, os grupos formados pelos intelectuais *beatniks*. Deles é que, ainda que inconscientemente, partiria a contestação ao sistema capitalista e à ordem autoritária.

Os militantes dessa Nova Esquerda (*New Left*) não eram marxistas nem tinham simpatias pelo socialismo. Eram de composição social diversificada, acolhendo gente de todos os estratos sociais. Seus principais representantes não eram políticos, mas poetas e escritores como Allen Ginsburg.

Marcuse, na tradição ideológica da Escola de Frankfurt, via na tecnologia uma forma mais sofisticada de repressão. Ela continuava existindo mesmo em sociedades democráticas, porque as técnicas do *mass-midia* "de manipulação e controle" permitiam um policiamento mais eficiente sobre as mentes dos cidadãos. O processo de emancipação das massas no futuro dependia em grande parte não só do movimento político mas também de uma substancial alteração do comportamento, inclusive ético-sexual. Para tanto, defendia a "dessublimação controlada" onde ocorreria uma libertação simultânea "da sexualidade e da agressividade reprimidas."

Pretendendo inverter a seqüência fixada por Engels, que dizia o socialismo avançar do utópico para o científico, Marcuse desejava resgatar o utópico. Entendia ele que graças ao desenvolvimento tecnológico, possibilitava-se, hoje, implantar uma sociedade solidária e igualitária, onde a repressão sexual desaparecesse.

As barricadas de maio

> Estudante (observando o recinto): "Para ser bem sincero almejo ir-me embora. Esses muros antigos, ambiente abafado, em nada isto me agrada, estou desanimado. O espaço é muito pouco, estreito, desencanta. Não se vê um jardim, não há nenhuma planta. Velhas colunas, bancos, completo desalento. Aqui se embota o ouvido, a vista e o pensamento." - Goethe - Fausto, 1808

Em 1965, na periferia da capital francesa, instalou-se a Universidade Paris-Nanterre para acolher estudantes que não ingressavam no circuito superior tradicional (Sorbone, Escola Normal, Escola Politécnica, etc.). Em pouco tempo tornou-se um centro de contestação e o verdadeiro caldeirão de onde partiu o grande incêndio da sociedade francesa.

Em princípios de 1968, os estudantes convidaram o psicanalista Wilhelm Reich para uma palestra, mas as autoridades vetaram-no. A questão sexual voltou a cena quando o líder estudantil Daniel Cohn-Bendit questionou o Ministro da Educação. As manifestações que se seguiram foram reprimidas pela polícia. Em represália, os estudantes ocuparam Nanterre em 22 de março. Seus colegas da Sorbone se solidarizaram.

Em 3 de maio, a histórica Universidade de Sorbone, a mais antiga da França, foi fechada pelas autoridades. O movimento, então, se espalhou ainda com mais furor. Passeatas estudantis, organizadas pela UNEF (*Union nationale des étudiants de France*), foram dissolvidas com violência cada vez maior pela CRS, a polícia do Presidente De Gaulle. Indignados, os jovens ergueram obstáculos nas ruas centrais de Paris que davam acesso ao Quartier Latin, antigo centro universitário da cidade.

A maior batalha deu-se na "noite das barricadas", em 10 de maio. A essa altura ganharam as simpatias de outros setores sociais: sindicalistas, professores, funcionários, jornaleiros, comerciários, bancários, aderiram à causa estudantil. De protesto contra o autoritarismo e o anacronismo das academias rapidamente transformou-se, com a adesão dos operários, numa contestação política ao regime gaulista. O turbilhão, cujo epicentro fora a Universidade de Nanterre, agora parecia abranger quase que a cidade inteira.



Pôster denunciando a repressão da polícia em Paris

Paris, de pernas para o ar

Paris, com o calçamento revirado, vidraças partidas, postes caídos e carros incendiados, assumiu ares de cidade rebelada. No alto das casas e prédios tremulavam bandeiras negras dos anarquistas. De 18 de maio a 7 de junho, 9 milhões de franceses declararam-se em greve geral. No dia 13 de maio, um milhão e duzentos mil deles marcharam pelas ruas em protesto contra o governo. Liderados por Daniel Cohn-Bendit (Dany le rouge), apelidado de Lenin de Nanterre, Alan Geismar e Jacques Sauvageot, que formavam a linha de frente da contestação, os estudantes colocaram em xeque o regime do velho general. Distanciando-se do marxismo "oficial", de matriz stalinista, referendado pelos soviéticos e pelo PC francês, muitos deles trataram de ressuscitar pensadores marxistas críticos, que haviam desaparecido do cenário intelectual das esquerdas, tais como Rosa Luxemburgo, Karl Korsch, Antonio Gramsci, o jovem Lukács, bem como os intelectuais da Escola de Frankfurt, dos quais Herbert Marcuse era o mais ativo.

De Gaulle, em 29 de maio, chegou a viajar para as bases francesas na Alemanha buscando obter apoio do Gen. Massu, a fim de uma possível intervenção militar. Enquanto isso, delegados governamentais negociavam em Grenelle com os sindicatos uma série de melhorias para retirar os trabalhadores da greve e afastá-los dos jovens radicais. Os comunistas se negaram a associar-se a qualquer tentativa de assaltar o poder, o que fez J.P.Sartre denunciá-los dizendo que "Os Comunistas temem a revolução."

De Gaulle, recuperado, propôs uma solução eleitoral e, graças a ela, com o apoio de uma imensa manifestação da "maioria silenciosa" pela ordem, conseguiu evitar um motim social. Obteve uma significativa vitória nas eleições de 23-30 de junho. A partir de então o movimento estudantil refluiu. A tormenta passara, mas o General De Gaulle enfraquecido renunciou à presidência da República em 27 de abril de 1969, depois de tê-la ocupado por dez anos. Um jornalista francês, Pierre Viansson-Ponté, num artigo irônico e profético escrito em março, alertou que "os franceses morrem de tédio" por estarem de fora dos grandes acontecimentos que ocorriam no mundo de então. Em maio, o tédio transformou-se em furor e virou a França de cabeça para baixo.



Daniel Cohn-Bendit, o Dany le rouge, ironiza a polícia

Apesar do aspecto quase que universal dos acontecimentos de 1968, até hoje se identifica o ocorrido como essencialmente pertinente à França. Ainda que lá os eventos mais dramáticos se concentraram apenas num só mês: o mítico Maio de 1968. A razão dessa superprojeção da França deve-se à tradição revolucionária do país, pois foi lá que se deram os tumultos que conduziram à tomada da Bastilha em 14 de julho de 1789, às Revoluções de 1830, de 1848 e a Comuna de Paris de 1871, todos com larga repercussão em outros continentes. É perfeitamente natural que cada vez que se recorde aquele ano, os olhares de todos inevitavelmente repousem sobre as barricadas de Paris de 1968.



Cartaz celebrando a aliança estudantil-operária

Cronologia dos acontecimentos de 1968 na França

8 de Janeiro: na universidade de Nanterre, arredores de Paris, o Ministro da Juventude e Desportos, François Missoffe, é vaiado pelos estudantes.

20 de Março: é atacada por manifestantes em Paris uma agência do American Express, como protesto contra a guerra do Vietnã.

22 de Março: em Nanterre, estudantes ocupam um edifício administrativo e é criado o movimento 22 de Março, encabeçado por Daniel Cohn-Bendit, que viria a ser um dos mais activos da revolta.

2 de Maio: novos incidentes entre os estudantes e a polícia em Nanterre, sendo encerrada a Faculdade de Letras.

3 de Maio: no pátio da Sorbone há uma reunião de estudantes e estes exigem o acesso aos anfiteatros. O reitor, quebrando uma regra secular, chama a polícia para entrar nas instalações universitárias. Muitos outros jovens são detidos nessa noite em manifestações no Quartier Latin. A Universidade é ocupada pela polícia.

4 de Maio: Daniel Cohn-Bendit, Jacques Sauvegeot (vice-presidente da União Nacional dos Estudantes Franceses) e Alain Geismar (secretário do Sindicato do Ensino Superior) tornam-se os rostos mais conhecidos da contestação dos estudantes.

6 de Maio: realizam-se novas manifestações no Quartier Latin e são erguidas barricadas. Confrontos entre a polícia e manifestantes. Há 400 detenções e cerca de 500 feridos.

7 de Maio: uma manifestação que reúne milhares de estudantes acaba em novos confrontos com a polícia.

8 de Maio: o Ministro da Educação, Alain Peyrefitte, anuncia no Parlamento, que a Sorbone e a Universidade de Nanterre poderão reabrir. Realizam-se novas manifestações estudantis.

10 de Maio: manifestações diante da prisão de La Santé. A polícia bloqueia as pontes do rio Sena. Os estudantes ocupam o Quartier Latin e fazem barricadas. Seguem-se os confrontos que se prolongam pela madrugada e que seriam os mais violentos desde o início desta crise. Os

estudantes tiram as pedras da calçada para atacar as forças policiais.

11 de Maio: as principais confederações sindicais convocam uma greve geral.

13 de Maio: o Primeiro-Ministro, Georges Pompidou, interrompe a visita que estava a fazer ao Afeganistão e no regresso anunciou a reabertura da Sorbone no dia 13.

13 de Maio: a Sorbone é reaberta e ocupada pelos estudantes. No Festival de cinema de Cannes as projecções são suspensas. Há manifestações por toda a França. A greve geral afeta todo o país.

15 de Maio: os operários da Renault decretam uma greve e ocupam as instalações da fábrica em Cléon.

16 de Maio: o movimento grevista alastrou a mais de 50 empresas. A sede da Academia Francesa é ocupada.

19 de Maio: a emissão da ORTF (televisão) passa a ser controlada pelos jornalistas e técnicos.

20 de Maio: ocupação do porto de Marselha pelos trabalhadores. As centrais elétricas e de telefones estão bloqueadas.

21 de Maio: a greve envolve já cerca de 7 milhões de trabalhadores. O filósofo e escritor Jean-Paul Sartre (que recusara o Nobel da Literatura em 1964) fala aos estudantes na Sorbone. Os teatros de Paris estão ocupados.

22 de Maio: na Assembléia Nacional é derrotada uma moção de censura apresentada contra o Governo. As autoridades retiram, de Daniel Cohn-Bendit, que tem nacionalidade alemã, a licença de permanência em França.

27 de Maio: governo, sindicatos e patrões assinam um acordo que prevê o aumento do salário mínimo, redução do horário de trabalho e diminuição da idade da aposentadoria.

28 de Maio: demissão do Ministro da Educação, Alain Peyrefitte.

30 de Maio: o General De Gaulle anuncia a dissolução do Parlamento, recusa demitir-se e convoca eleições antecipadas para Junho. Ao mesmo tempo adia o referendo que anunciara dias antes.

31 de Maio: de Gaulle remodela o governo e realizam-se manifestações de apoio ao general. Junho: a maioria governamental alcança vitória esmagadora

A Primavera de Praga

"Um Socialismo de rosto humano" - Alexander Dubcek, 1968

Em 5 de abril de 1968, o povo tcheco tomou-se de surpresa quando soube dos principais pontos do novo Programa de Ação do PC tchecoslovaco. Fora uma elaboração de um grupo de jovens intelectuais comunistas que ascenderam pela mão do novo secretário-geral Alexander Dubcek, indicado para a liderança em janeiro daquele ano. Dubcek, um completo desconhecido, decidira-se a fazer uma reforma profunda na estrutura política do país. Imaginara desestalinizá-lo definitivamente, removendo os derradeiros vestígios do autoritarismo e do despotismo que ele considerava aberrações do sistema socialista.

Apesar da desestalinização ter-se iniciado no XXº Congresso do PCURSS, em 1956, a Tchecoslováquia ainda era governada por antigos dirigentes identificados com a ortodoxia, que viviam sob a sombra do que Jean-Paul Sartre chamou de "o fantasma de Stalin". Dubcek achou que era o momento de "dar uma face humana ao socialismo".

Além de prometer uma federalização efetiva, assegurava uma revisão constitucional que garantisse os direitos civis e as liberdades do cidadão. Entre elas, a liberdade de imprensa e a livre organização partidária, o que implicava o fim do monopólio do partido comunista. Todos os perseguidos pelo regime seriam reabilitados e reintegrados. Doravante, a Assembléia Nacional multipartidária é quem controlaria o governo e não mais o partido comunista, que também seria reformado e democratizado. Uma onda de alegria inundou o país. Chamou-se o movimento, merecidamente, de "A Primavera de Praga".

De todos os lados explodiram manifestações em favor da rápida democratização. Em junho de 1968, um texto de "Duas Mil Palavras" saiu publicado na Gazeta Literária (*Liternární Listy*), redigido por Ludvik Vaculik, com centenas de assinaturas de personalidades de todos seto-

res sociais, pedindo a Dubcek que acelerasse o processo. Acreditava que seria possível transitar pacificamente de um regime comunista ortodoxo para uma social-democracia ocidentalizada. Dubcek tentava provar a possibilidade do convívio entre uma economia coletivizada com a mais ampla liberdade democrática.

O mundo olhava para Praga com apreensão. O que fariam os soviéticos e os seus vizinhos comunistas do Pacto de Varsóvia? As liberdades conquistadas em poucos dias pelo povo tcheco eram inadmissíveis para as velhas lideranças das "Democracias Populares". Se estas vingassem em Praga eles teriam que também liberalizar os seus regimes. Os soviéticos, por sua vez, dominados pela psicologia de "fortaleza socialista sitiada", temiam as conseqüências geopolíticas. Uma Tchecoslováquia social-democrata e independente significava sua saída do Pacto de Varsóvia, o sistema defensivo anti-OTAN montado pela URSS em 1955. Uma brecha em sua muralha seria aberta pela defecção de Dubcek.



Sob protesto da população, tanques soviéticos ocupam Praga

Então, numa operação militar de surpresa, as tropas do Pacto de Varsóvia, tendo à frente os tanques russos, entraram em Praga no dia 20 de agosto de 1968. A "Primavera de Praga" sucumbia perante a força bruta. Sepultaram, naquele momento, qualquer perspectiva do socialismo poder conviver com um regime de liberdade. Dubcek foi levado a Moscou e depois destituído. Cancelaram-se as reformas, mas elas lançaram a semente do que vinte anos depois seria adotado pela própria hierarquia soviética, representada pela política da *glasnost*(*) de Michail Gorbatchov. Como um toque pessoal e trágico, em protesto contra a supressão das liberdades recém conquistadas, o jovem Jan Palach incinerou-se numa praça de Praga em 16 de janeiro de 1969.

(*) Abertura política, transparência.

Ao redor do mundo

"We shall fight/ We will win/ Paris, London, Rome, Berlin.." (lutaremos, venceremos, Paris,etc.). Slogan dos contestadores ingleses, 1968

Na Alemanha, a conflagração estudantil deu-se a partir do atentado sofrido pelo seu líder Rudi Dutschke. Em Berlim, Frankfurt e demais cidades universitárias, as marchas de protesto redundaram em grandes batalhas campais contra a polícia. O fracasso que se seguiu fez com que muitos militantes resolvessem ingressar na RAF (*Rotte Armee Faccion*), também conhecida pelo nome dos seus dirigentes como o Grupo Baader-Meinhoff que, nos anos 70, tentaram manter um clima revolucionário na Alemanha Ocidental através de atentados terroristas e assassinatos seletivos.

Praticamente a mesma trajetória vamos encontrar na Itália, onde os estudantes, rompidos com o Partido Comunista Italiano, a quem acusavam de conciliar com a burguesia, aderiram à violência revolucionária, com a fundação das Brigadas Vermelhas (*Brigate Rosse*) que chegaram a seqüestrar e matar o Primeiro-Ministro Aldo Moro em 1978.

Pode-se dizer que os enfrentamentos generalizados que caracterizaram boa parte dos anos 70, (ativados pelos grupos *Brigate Rosse*, Baader-Meinhoff, Black Panthers, ERP, Montoneros,Tupamaros, Var-Palmares, Exército Vermelho japonês, etc.) foram subproduto das esperanças e das energias despertadas em choque com a frustração que se seguiu. Na América Latina o resultado foi mais trágico porque o movimento estudantil não se deparou com regimes democráticos, mas sim com Estados de Segurança Nacional, que entendiam as manifestações como manobra subversiva e favorável ao comunismo.

O mais violento acontecimento no continente Americano, naquele ano tão excepcional, foi o massacre dos estudantes perpetrado pela polícia antimotim e por guarnições do exército mexicano, ocorrido na capital do país. No total, calculou-se 26 mortos e 300 feridos, além de mais de mil aprisionados. A multidão, que havia se manifestado na praça de Tlatelolco, também chamada de Praça das Três Cultu-

ras, na Cidade do México, em 2 em outubro de 1968, foi dissolvida a tiros. Esta tragédia, que se deu a menos de dez dias da inauguração dos jogos olímpicos México 68, foi uma ação repressiva ordenada por Luis Echeverria, ministro do então presidente Gustavo Dias Ordaz. A título de comparação, em Paris apenas um estudante morreu nos distúrbios e a ação oficial mais violenta foi a expulsão do país de Daniel Cohn-Bendit, que era de nacionalidade alemã.

A rebelião no Brasil

Pouco mais de um mês antes de ocorrer o levante dos estudantes parisienses, no Rio de Janeiro, em 28 de março de 1968, um secundarista carioca chamado Edson Luís foi morto numa operação policial da PM carioca durante a repressão a um protesto em frente ao restaurante universitário "Calabouço". Deu-se uma comoção nacional em torno da jovem vítima. O enterro dele fez-se acompanhar por uma multidão de 50 mil pessoas, estando presentes inúmeros intelectuais e artistas. Foi, até então, a maior manifestação de massa contra o regime de 1964.

A partir daquele momento, o Brasil entraria nos dez meses mais tensos e convulsionados da sua história do após-guerra. A insatisfação da juventude universitária com o governo de 1964, recebeu adesão de escritores e gente do teatro e do cinema perseguidos pela censura. As principais capitais do país, principalmente Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo, em pouco tempo se tornaram praça de guerra onde estudantes e policiais se enfrentavam quase que diariamente.

Cada ação repressora mais excitava a juventude à oposição. Naquela altura, apenas os estudantes enfrentavam o regime, pois os líderes civis da Frente Ampla (Carlos Lacerda, Juscelino Kubischek e João Goulart, que estava exilado) haviam sido cassados.

Em 26 de junho daquele ano, 100 mil pessoas - a Passeata dos Cem Mil - marcharam pelas ruas do Rio de Janeiro exigindo abrandamento da repressão, o fim da censura e a redemocratização do país. A novidade foi a presença de religiosos, padres e freiras, que aderiram aos protestos.

Apesar da magnitude da manifestação, a comissão de cidadãos encabeçada pelo psicanalista Hélio Pelegrino, que partiu do Rio de Janeiro para Brasília, não foi recebida.

A juventude da época dividia-se entre os "conscientes", os politizados que participavam das passeatas e dos protestos, e os "alienados", que não se inclinavam por ideologias ou pela política, ou que eram indiferentes a ela.

Também se cindiu, durante os festivais de canções populares, patrocinados pela TV Record de São Paulo e pela TV Globo do RJ, ocasião em que Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Tom Jobim,

considerados mais líricos, eram confrontados pelos partidários de Geraldo Vandré, um cantor de protesto autor da "Marselhesa de 1968", a música intitulada "Para não dizer que não falei de flores", ou simplesmente "Caminhando", que era uma elegia à revolução.

Em apoio ao regime surgiu o CCC (Comando de Caça aos Comunistas), organização de extrema-direita formada por policiais e militantes direitistas que se especializou em atacar peças de teatro e em espancar atores e músicos considerados subversivos.

Em outubro, ao organizar clandestinamente o 30º congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes), o movimento estudantil praticamente se suicidou. Descobertos em Ibiúna, no interior de São Paulo, 1200 foram presos. A liderança inteira, entre eles Vladimir Palmeira, caiu em mãos da polícia numa só operação. Como coroamento do desastre, o regime militar, sob chefia do General Costa e Silva, decretou, em 13 de dezembro, o AI-5 (Ato Institucional nº 5).

Fechou-se o Congresso, prenderam-se milhares de oposicionistas e suprimiram-se as liberdades civis que ainda restavam. A partir de então muitos jovens aderiram à luta armada entrando para organizações clandestinas tais como a ALN (Ação de Libertação Nacional), a VAR-Palmares ou dezenas de outras restantes. Por volta de 1972, o regime militar esmagara todas elas, fazendo com que os sobreviventes se exilassem ou fossem condenados a longas penas de prisão.



Geraldo Vandré, intérprete da inquietação de 1968

Pode-se dizer que a rebelião estudantil, se por um lado precipitou a abolição das liberdades marcando a transição do Regime Militar para a Ditadura Militar, por outro, anunciou para bem mais distante, o Movimento das Diretas-já, de 1984, que pôs término aos 20 anos de autoritarismo no Brasil.

Cronologia dos acontecimentos de 1968 no Brasil

28 de Março: o estudante Edson Luís Lima Souto é morto durante uma manifestação contra o fechamento do restaurante Calabouço. No dia seguinte, cerca de 50 mil pessoas participam do cortejo fúnebre.

29 de Março: a UNE decreta greve geral dos estudantes.

26 de Junho: a UNE promove a Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro.

Outubro: é realizado clandestinamente o 30º Congresso da UNE, em Ibiúna (SP). São presas mais de 700 pessoas, entre elas as principais lideranças do movimento estudantil: Luís Travassos (presidente eleito), Vladimir Palmeira, José Dirceu, Franklin Martins e Jean Marc Von Der Weid.

13 de Dezembro: é decretado o AI-5. Centros cívicos substituem os grêmios estudantis.

No ano de 1969

26 de Fevereiro: o governo Costa e Silva baixa o decreto-lei nº 477, que penaliza professores, alunos e funcionários de estabelecimentos de ensino público (até 1973, esse decreto atingiria 263 pessoas, a maioria estudantes).

Conclusão

Numa entrevista dada sobre os acontecimentos de Maio de 1968, o sociólogo francês Egdar Morin, ao fazer um balanço geral daqueles eventos, disse o seguinte:

(Mas o mal-estar que causou Maio de 68 permanece)

> MORIN - Não só permanece, como se agravou. Onde há vida urbana e desenvolvimento, há estresse e ritmos de trabalho desumanos. A poluição causa males terríveis, e nossa civilização é incapaz de impedir a criação de ilhas de miséria. Mas o que piorou mesmo foi o fato de termos perdido a fé no progresso. O mundo ocidental dava como certa a idéia de que o amanhã seria radioso. Mas, nos anos 90, percebeu-se que a ciência trazia também coisas como armas de destruição em massa e que a economia estava desregulada, enterrando de vez a promessa de que as crises haviam deixado de existir. O sentimento de precariedade é agravado pelo fato de os pais não saberem se seus filhos terão um emprego. Tampouco há esperança vinda da esfera política. Os políticos hoje se contentam em pegar carona no crescimento econômico.

Na verdade, essa declaração de Edgar Morin sobre as mazelas do mundo pós-1968, revela muito mais a frustração que o episódio causou entre os intelectuais esquerdistas do que realmente é a situação do mundo de hoje. À medida que o "sonho do socialismo" esfumou-se, uma espécie de letargia pessimista tomou conta de inúmeros escritores e pensadores, particularmente na França. Não é possível ignorar os extraordinários avanços tecnológicos, as conquistas nos campos da saúde (transplantes, os tratamentos preventivos, vacinas, etc.), a ampliação da expectativa de vida (em geral de 70 para 80 anos na maioria dos países mais desenvolvidos), a vida mais confortável, a democratização do turismo e dos regimes políticos (nunca na história existiram tantas democracias convivendo ao mesmo tempo em todo o mundo), a liberalização sexual e a emancipação feminina. Tudo isso se acelerou enormemente depois de Maio de 1968.

Bibliografia

Caderno 2 - *Dany, o verde* - O Estado de São Paulo, 1º de abril de 1998.

Caderno de Cultura - *Maio de 1968,* Zero Hora, 2 de maio de 1998.

Cohen-Solal, Annie - *Sartre: 1905-1980*, Porto Alegre: Editora LP&M, 1986.

Debray, Regis - *Mai 68 une contre-révolution réussie*, Paris, Mille et une nuits, 2008.

Joffrin, Lauren – *Mai 1968: une histoire du moviment*. Paris: Éditions du Seuil, 1988.

L'Histoire - *Mai-68 la révolution introuvable*- L'Histoire nº 221, Paris, maio de 1998.

Mais - *A última utopia*, Folha de São Paulo, 5º Caderno, 10 de maio de 1998.

Marcuse, Herbert - *A Ideologia da Sociedade Industrial*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1967.

Marcuse, Herbert - *O Fim da Utopia*, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1969.

Morin, Edgar; Lefort, Claude; Coudray, Jean M. - MAI 1968 LA BRECHE. Paris: Fayard, 1968.

Reich, Wilhelm - *A Revolução Sexual*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975.

Roszack, Theodore - *A Contracultura*. Petrópolis: Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1972.

Ventura, Zuenir - *1968, o ano que não acabou* . Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.